



AVENÇA

# VILA VERDE R DENSE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 23634)

VISADO PELA CENSURA

PROPRIEDADE:

Nossa Senhora do Alívio

DIRECTOR E EDITOR:

Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Padre Severino Pereira Fernandes  
Telef. 92123 — Residência Paroquial de Prado — Braga

## Problemas da crise da Lavoura

### A burocracia da justiça nas questões agrícolas. O foro agrícola e a Junta de Colonização Interna.

As considerações que fiz, no artigo anterior, sobre a necessidade de ser alterado o modo como são julgadas as questões da agricultura, atraíram muitas atenções.

Há de facto interesse pelos problemas da lavoura. Está a afirmar-se a convicção, e já é bastante, de que há urgência em estudar e realizar.

As nossas entidades oficiais agrícolas conseguiram acordar o marasmo geral.

A minha intenção é de ajudar o meio rural do Concelho de Vila Verde a seguir o interesse pelo seu progresso económico. Ainda procuro fazer chegar às entidades oficiais o meu testemunho sobre aspectos do problema agrícola, que podem passar-lhes despercebidos.

Disse no último artigo, que as questões agrícolas, porque dependem de factores de ordem técnica, pelo seu número, pela importância que têm na economia dos meios agrícolas, exige uma administração de justiça, um foro, mais simples, menos burocrático, mais eficiente, e sobretudo mais barato.

Não é apenas uma evolução que se pede, é um regresso à tradição.

A revolução mundial da agricultura, com graves repercussões em todo o campo económico e social, obrigou os governos, mesmo os do mundo livre a tomar medidas legislativas, não só atinentes à parte jurídica da organização agrícola mas ainda nos sectores da técnica. É um dirigismo estatal.

Assim, em Portugal, depois de um adormecimento de longos anos, o senhor Secretário da Agricultura, doutor Mota Campos, dirige esse movimento com dinamismo, ou directamente ou por muitos organismos oficiais dentre os quais é de salientar a Junta de Colonização Interna.

## Roubos à Agricultura

O jornal «A Voz do Pastor» que se publica no Porto, inseriu no seu número de 6 de Outubro o artigo «Quem Acode à Lavoura? Os roubos à agricultura» do nosso distinto colaborador P.<sup>e</sup> Manuel Gonçalves Diogo. Agradecemos a gentileza do nosso colega de imprensa e aproveitamos a oportunidade para nos associarmos ao coro de parabéns que pelo seus editoriais tem merecido o sr. P.<sup>e</sup> Diogo, pena ilustre ao serviço do Concelho.

No passado domingo, alguns caçadores de Prado e de outras freguesias, ficaram sem os seus fiéis amigos, os cães, vítimas de veneno, espalhado nos montes de Duas Igrejas e Pedregais. Se pensarmos que nesta região, a mixomatose está a espalhar-se com intensidade, este procedimento só representa estupidez e atraso mental, porque não favorecerá ninguém.

Já não faz sentido, que num País onde há Polícia, Guarda Republicana, Sociedade Protectora dos Animais, etc, etc, se façam estas coisas impunemente como ir envenenar os montes, não fosse um crime punido por lei.

As reservas de caça não são exclusivo dos habitantes vizinhos dos montes. São de todos nós, que pagamos as licenças e precisamos, mais do que eles, de praticar um exercício e desporto.

Os montes de Duas Igrejas e Pedregais, estão cercados de veneno e isto não poderá ser obra de um só. Há um conluio que não seria difícil descobrir, se as autoridades quisessem.

## Sorte macaca

Encheram-se de fruto as parreiras  
E com a ajuda de propício clima  
O quadro das ramadas altaneiras  
Do pobre lavrador o peito anima.

— Vou compensar-me de improbas can-seiras —  
Pensa, deitando o olhar de baixo a cima  
Aos opulentos cachos das videiras  
Que lhe auguram feliz, farta vindima.

Movimentam-se escadas, cestos, dornas.  
Compra-se cascaria e em noites mornas  
Pelas adegas há tarefa vãria.

Mas se, ao vender, o lavrador com ânsia  
Procura o resultado da abundância  
Vê que esta, ao cabo, só lhe foi contrária.

Prado, 8/10/1962.  
A. S. S.

## O FOLCLORE EM VILA VERDE

Ao terminar o verão de 1962 e com ele, e bem dizer, os festejos regionais tão do agrado do nosso bom povo, seria injustiça não se fazer uma referência pública às actividades do Grupo Folclórico de Vila Verde durante os últimos seis meses e, não só durante este lapso de tempo, mas também ao longo de cerca de três anos de lutas e conselheiras em que este agrupamento regional soube elevar com tanta dignidade o nome de Vila Verde e, conseqüentemente, de todo o concelho.

E sabido que, presentemente, a melhor propaganda dum região é feita através dos festivais folclóricos os quais, devido ao seu luzimento, variedades de trajes e suas castiças danças e cantigas, atraem milhares de estrangeiros, não só nacionais como estrangeiros.

Neste particular Vila Verde não tem que se queixar, pois o seu único agrupamento regional soube portar-se à altura, nunca ficando inferiorizado em competição com os melhores grupos congéneres, vindos de todas as partes do país.

Nas festas em que actuou, e muitas foram elas, lá ficou o nome de Vila Verde, quer nas danças, quer nos cantares e de Norte a Sul se ficou a saber que este cantinho situado no coração do Minho tem o seu Grupo Folclórico, não folclórico só no título, mas porque de facto o é, havendo a atestar tal facto os abalizados testemunhos dos insignes folcloristas Sr. Dr. Pedro Homem de Melo e Sr. Armando Leça.

Posto isto, torna-se interessante recordar os primórdios deste agrupamento que começou dum brincadeira, com fatos emprestados, com umas danças ensaiadas à pressa e com apenas quatro pares a exhibir-se, há perto de três anos.

Depois da brincadeira passou-se ao caso sério e, daí para cá quantas arrelhas, quantas canseiras, quantas lutas contra uma quase colectiva incompreensão derrotista, que tantos emargos de boca nos deu, mas que felizmente hoje já não existe.

Muitas vezes essas crises partiam do próprio Grupo, algumas por tal forma

que a existência dum obra que tanto custou a pôr de pé esteve na eminência de sobressair.

Mas tudo se compôs, o Grupo Folclórico de Vila Verde triunfou e ao vemos os rapazes e raparigas a evolucionar tão bem, já nos estrados, já nos terreiros, achamos que valeu a pena tanto sacrifício.

(Continua na 4.<sup>a</sup> página)

## O Conselho Municipal aprovou o plano de Obras DO Concelho de Vila Verde para 1963

Na reunião do Conselho Municipal realizado no dia 14 de Setembro de 1962, entre várias deliberações foi aprovado o plano de Obras para 1963, que abrange:

Na Sede do Concelho — o Palácio da Justiça, a Casa dos Magistrados, o Saneamento da parte norte para servir o novo Hospital, e prosseguimento do plano de urbanização;  
Na Vila de Prado — Abastecimento de águas;

Na Vila do Pico — Prosseguimento do abastecimento de águas;

Em diversas freguesias — Prosseguimento: da electrificação, construção de escolas segundo o plano dos centenários — continuar as obras da Estrada de Aboim; do Pico a Gomide; de Valdeu; de Agrela, na freguesia da Lage; do caminho do Cruzeiro em Cervães; construção do Cemitério da freguesia de Oriz (Santa Marinha); dos caminhos para a freguesia de Covas; de Gomide a Estrumil; para Carreiras (S. Miguel); para São Miguel de Prado; para Penascals, Valões, Co-deceda, para Turiz.

Foi aprovada a criação de dois lugares de cabos de cantoneiros, sendo um ocupado pelo actual capataz de obras; o lançamento de derrama de seis por cento sobre as contribuições do Estado, para pagamento das dívidas aos Hospitais; que a Câmara atribua à Banda de Música de Vila Verde, quando achar conveniente um subsídio, segundo o seu critério.

O orçamento das despesas Camarárias, em 1963, computam-se em dois mil quinhentos e vinte contos para a Câmara, e dois mil e novecentos contos para os Serviços Municipalizados.

## Os Leigos no Concílio e na Igreja

Por ANTÓNIO DE SÁ

Sendo o Concílio a colegialidade dos Bispos reunidos sob a chefia do Papa, os leigos não participam nele directamente. Estas participação directa pertence apenas aos Bispos enquanto responsáveis e mandatários para as suas comunidades cristãs de cuja fé são eles as testemunhas.

Todavia os Bispos, atentos às necessidades de suas dioceses, têm estado por esse mesmo motivo, em contacto com os leigos, normalmente por intermédio do seu clero. Efectivamente há situações concretas na vida social e familiar ou profissional que só os cristãos leigos, (por estarem normalmente relacionados com todas as formas de vida), podem ser testemunhas e intérpretes autênticos. A eles compete comunicar aos pastores que são os Bispos os frutos de suas experiências vivenciais, as suas inquietações e esperanças. Foi na colaboração do laicado com os Bispos que nasceram e progredem todos os grandes movimentos fomentadores de cristandade nos tempos que correm, quer se trate de movimentos de leigos gerais ou especializados e para ambos os sexos.

Coisa curiosa e inédita na história do Cristianismo é actualmente a presença activa da Mulher. Embora ela deva estar em silêncio na Igreja-edifício, conforme a ordem de S. Paulo, (1 cor. 14, 34-35), já não pode ficar calada na Igreja-sociedade-família.

Se a mulher, virgem ou mãe, é, no mundo, toda solicitude, sem ela algo faltaria para a manifestação da Igreja na terra, pois faltaria um elemento preciosíssimo na vida religiosa e no apostolado — elemento que nem a actividade bem ordenada e finalizada, nem a dedicação masculinas poderiam substituir. Pio XII ainda há anos o lembrava. A mulher contribui para a comunidade com a doçura, a afeição maternal, a solicitude de tudo o que é fraco, pobre ou doente ou que corre perigo de ser esmagado por uma organização sem misericórdia. Ela é provocadora de paz porque dela possui o segredo. O papel que a mulher tem a desempenhar na Comunidade eclesial é um

dos mais honrosos, tomando hoje proporções internacionais e mundiais.

Neste século de tentativas e descobertas, estamos habituados a avaliar tudo pelos prismas de eficácias e resultados palpáveis e, quanto possível, imediatamente mensuráveis. Por isso não é de admirar que muitos sejam tentados a julgar, sob pé de igualdade, realidades e valores que se completam, sem jamais se confundirem: valores terrestres e valores espirituais! Tampouco será para admirar o facto de muitos se virem desiludidos pela inexistência de coisas espetaculares e novidades sensoriais, na Igreja, logo após o Concílio!

Incumbe aos cristãos leigos que disso têm consciência, mostrar que as coisas de Deus se desenvolvem sempre segundo as leis do grãozinho de mostarda ou do fermento que leveda a massa (Cfr. Mat. 13, 31-34), dentro da discrição e paciência divinas!...

«O apostolado organizado dos leigos», escreve Jean Pelissier, deve participar pelos seus méritos e instituições, num duplo movimento necessário: imersão em Deus e efusão por sobre o mundo». Tal apostolado tem em vista contribuir activa e permanentemente na vida da comunidade eclesial, de forma a consciencializar cada membro, levando-o a fazer suas as preocupações da Igreja.

Não será porventura nesta ocasião de Concílio uma das grandes ocasiões em que se torna verdadeiramente decisiva a acção dos leigos, dos quais a Igreja e o Concílio tanto esperam? Lisboa, Outubro de 1962.

## Dr. George Vasco Fernandes

Tomou posse do lugar de médico veterinário do Concelho de Vila Verde, depois de ter prosseguido o concurso público, o senhor dr. George Vasco Fernandes, natural da Índia Portuguesa

## A abundância do Vinho

Está a terminar a colheita do vinho que é abundante. Muitos lavradores não têm vasilhas que chegue.

Disseram no último número deste jornal, que o lavrador venderia o vinho barato e que o consumidor o compraria caro... não se enganou quem o disse. Constatou-se que alguns dos tais intermediários sem escrúpulos compraram 500 litros por 900\$00 e o venderam a 4\$00 o litro, portanto a 2.000\$00 os 500 litros. Não se pode conceber esta descarada pouca vergonha num país organizado como o nosso. Nós, confessamos eles, comprámo-lo barato vendêmo-lo caro porque estamos sujeitos a que ele se estrague.

O lavrador não estará sujeito ao mesmo perigo? O lavrador que começa por plantar as videiras, enxerta-as, depois de mil cuidados (quando se não perdem

todas) dão o vinho, tendo sido, antes podadas, sulfatadas, cinco ou seis vezes, enxofradas e vindimadas.

Veja-se o trabalho e a despesa que dá uma pipa de vinho para ser paga por 900\$00, ou mesmo 1.000\$00. O lavrador tem que pagar tudo caro, só os seus produtos é que devem ser vendidos baratos. Até o preço das vasilhas aumentou não sei porquê, pois não nos consta que a madeira subisse, pelo menos para o lavrador que a vende. Parecem todos um bando de abutres esfaimados sobre carne putrefacta. No último número d'«O Vila-verdense», lemos que se dariam, aos lavradores, instruções, talvez, para se não deixarem burlar pelos intermediários. Estamos ansiosos por vermos essas instruções para ver se se acaba com esta vergonhosa pilhagem própria de gente selvagem ou... fiquemos por aqui. — Z.

## Novo Delegado da Censura

Em substituição do Sr. Tenente António Coelho, foi nomeado Delegado da Censura em Braga, o Sr. Joaquim Vasconcelos Ferreira Chaves, muito ilustre jornalista.

Folgamos com a sua nomeação para este cargo, pois bem conhecemos as suas qualidades de inteligência e carácter e o aprumo moral de que sempre tem dado exuberantes provas.

Queremos, por isso, apresentar-lhe, no momento da sua posse, os nossos cumprimentos e o desejo de felicidades no desempenho das funções que passa a exercer.





